

ZOOM

“Estamos aqui para difundir conhecimento, não sabemos se o embrião vai vingar”

Gilberto Almodin, pesquisador sobre a tentativa de clonar a vaca

I BIOTECNOLOGIA

Cientistas tentam clonar animal em Maringá

Cidade é pioneira na América Latina ao reunir, em um mesmo evento prático, 70 pesquisadores de reprodução humana e animal; hoje haverá demonstração de clonagem

Juliana Dalbert
dalbert@odiariomaringa.com.br

A semelhança dos organismos animais permite que experimentos científicos sejam realizados em busca de melhorias na qualidade de vida dos seres humanos. Medicina humana e veterinária encontram-se na transmissão de conhecimentos sobre as inúmeras possibilidades do corpo, mesmo seguindo propósitos diferentes.

A tentativa de clonagem animal que será feita hoje, em Maringá, é mais

um passo dos pesquisadores no caminho que leve a alternativas para os desafios colocados diariamente à saúde humana.

As técnicas de reprodução são fundamentais para essas descobertas. O congelamento de células reprodutivas (óvulo e espermatozóide) e embriões é condição para a utilização dessas técnicas. Mas, enquanto a taxa de sucesso de semen e embriões pelo congelamento convencional (lento) é satisfatória, com a célula reprodutiva feminina a realidade é outra. A taxa de sobrevivência dos óvulos congelados é de apenas 5%.

Depois de seis anos de estudos, o pesquisador maringaense Gilberto Almodin aprimorou a técnica de congelamento rápido-vitrificação-, utilizada em

células humanas e animais, e criou a Vitri-Ingá. A expectativa do médico é conseguir recuperar 90% dos óvulos congelados, a um custo de 10% do valor cobrado em países que utilizam técnicas semelhantes.

“É uma conquista fantástica, estou muito orgulhoso”, diz ele. Enquanto a Cryotop, técnica japonesa de vitrificação, permite congelar um óvulo por haste a US\$ 20 (R\$ 42,72), a Vitri-Ingá possibilitará congelar até dois óvulos por haste ao custo de R\$ 5.

A técnica maringaense foi lançada ontem para 70 pesquisadores que trabalham com reprodução humana e animal, durante o Curso Teórico-Prático avançado em Reprodução.



Rafael Silva

Almodin, pesquisador de Maringá

O primeiro resultado da Vitri-Ingá também foi conhecido pelos pesquisadores. A primeira gestação, que é de uma maringaense, gerada a partir de um óvulo congelado pela técnica inédita, já completou um mês.

Os pais, que pediram para ser identificados apenas quando a criança nascer, passaram por diversos tratamentos para infertilidade, sem sucesso. A gravidez ocorreu por fertilização in vitro depois do óvulo vitrificado ser descongelado. Todo o processo durou dois meses.

“Eu espero por esse filho há mais de 15 anos”, revelou o pai.

COMO É FEITA A CLONAGEM



Dolly abriu o caminho da pesquisa

A ovelha Dolly foi o primeiro mamífero clonado com sucesso a partir de uma célula adulta. Ela foi criada por investigadores do Instituto Roslin, na Escócia, onde viveu toda a sua vida, tendo nascido em junho de 1996.

Gerada a partir de células mãrias de uma ovelha com cerca de seis anos, Dolly teve uma vida normal de ovelha e deu à luz dois filhotes, sendo cuidadosamente observada em todas as fases.

Em 2002, foi anunciado que a ovelha sofria de um tipo de artrite degenerativa. Ela foi abatida em fevereiro de 2003 para evitar a morte dolorosa que viria por conta de uma infecção pulmonar incurável. Seu corpo, empalhado, está exposto no Museu Real da Escócia.

No Brasil, o primeiro mamífero clonado foi a bezerra Vitória, da raça simental. Fruto de experiência conduzida por Rodolfo Rumpf, pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (Embrapa), de Brasília, Vitória foi o primeiro clone bovino da América Latina. Em setembro de 2003, nasceu "Lenda da Embrapa", clonada a partir de células de uma vaca já morta.

Em fevereiro de 2004, nasceu Vitoriosa, clone de Vitória. Vitoriosa nasceu a partir de células isoladas da orelha de Vitória, quando essa tinha cerca de um ano. A bezerrinha morreu 3 meses depois, de problemas cardíacos.